CAUTELA



A produção

brasileira de leite

deverá fechar 2015

sem crescimento,

mas melhor que o

PIB, que deverá ser

de -3% ou menos

likonomia é a palavra grega que deu origem à palavra economia. Significa "administração da casa, do lar". Muitos dizem que economia é assunto complicado, difícil de ser entendido. Que nada! Economia é simples. Afinal, todos sabem o que significa administrar a sua casa. Todos sabem o que fortalece o lar ou o que o torna mais frágil. Gastar mais que a renda da família, por exemplo, significa viver acima de suas posses, contrair dívidas, e isso enfraquece o lar. Gastar menos que a renda da família, por outro lado, gera poupança. Uma família que gasta mais que recebe está diante de uma poderosa causa de discórdia e de conflito. É motivo de término de muitos casamentos. Forte risco de falência do lar, portanto.

O lar reúne pessoas com laços de sangue, que compartilham recursos e emoções. Um lar também é um certo tipo de empresa, com seus objetivos, suas conquistas, suas receitas, suas despesas. É uma sociedade por cota de participação. Portanto, faz sentido o conceito de economia ser vinculado à administração do lar. Mas economia também é ciência, pois tem objeto de estudo definido. Estuda a produção e o consumo. Estuda a escassez. Para ser ciência, é preciso ter leis. Em ciência, lei é uma afirmação que vale em qualquer tempo e lugar.

Pois, então, economia tem duas leis. A primeira é a Lei dos

Rendimentos Decrescentes. Foi extraída da agricultura e se aplica magistralmente ao leite. Em essência, assegura que, à medida que aumentamos a quantidade de insumos, o acréscimo à produção total pode até crescer, mas o adicional vai caindo continuamente. Essa afirmação vale para todas as situações da nossa vida, sem exceção. Por exemplo, o acréscimo no consumo de ração não garante continuamente o aumento da produção de leite, na mesma proporção.

A segunda lei da economia é a da Oferta e da Demanda. Se a demanda é maior que a disponibilidade de bens (oferta) eles se tornam

relativamente escassos e a consequência é que os preços sobem. Caso a oferta seja maior que a demanda, os produtos estarão abundantes e, portanto, os preços caem. Esta lei nos ensina que não é a utilidade que valoriza as coisas, mas a escassez. Por isso, ouro tem valor, mas o ar que respiramos, não. Mesmo num regime de controle total de preços, a Lei da Oferta e da Demanda continua existindo. Quem viveu a época dos preços regulamentados lembra que quando o governo tabelava o leite abaixo do preço de mercado, o produto desaparecia.

Portanto, economia é ciência, mas aceita desaforos. Vixe! Como aceita! Quando o assunto é economia, todo mundo tem muito a dizer e pouco a ouvir. Todo mundo tem opinião formada. Todos têm muita certeza, pouca dúvida. Ocorre que economia é exatamente o contrário, pois é a ciência que cultiva a dúvida para atingir a certeza relativa, nunca exata. Por isso, nós, economistas, divergimos entre nós mesmos quando discutimos qualquer assunto. Todavia, somos unânimes nas nossas posições e não divergimos entre nós quando estamos entre achistas, disseminadores de certezas exatas.

Nenhum economista ousa emitir verdades sobre assuntos que não sejam objeto da ciência econômica. Por exemplo, não ousam discutir mamite de maneira professoral. Entretanto, é surpreendente como se constroem afirmações sobre temas da moda como, por exemplo, automação, mesmo que não se conheça os conceitos científicos dominados por engenheiros, físicos e economistas. Não se trata de defesa do conhecimento cartorial, mas da percepção de que também é possível se ter pedaladas científicas, ou seja, falar professoralmente do que

não se conhece efetivamente.

Economia é ciência, mas se contamina com a política – sua irmã xifópaga. As condições objetivas da economia brasileira ainda são razoáveis. A inflação e o desemprego são controláveis, o déficit público é menor que o registrado na maioria dos países europeus, as nossas reservas em moeda estrangeira nos colocam em condições confortáveis. Mas essas condições estão em queda livre, pioram vertiginosamente, perigosamente, sem horizonte. Estamos destruindo velozmente o que conquistamos em uma geração, em 20 anos! Não dá mais para fazer política monetária. O Banco Central jogou a toalha, não por incompetência, mas porque o seu espaço de ação é zero. Um perigo! Agora, somente há espaço para política fiscal, ou seja, cortar gastos e aumentar impostos.

Recessão e desemprego crescem rapidamente. Tudo isso envolto em muito achismo, um pouco de "bom mocismo", ao lado de deslavado e destrutivo populismo – o discurso fácil. Somese a atuação dos jornalistas, que cada vez menos estudam e menos se informam. Dizem que reproduzem o que o mercado diz. Mas como ouvem o mercado? Eles conversam com três ou quatro garotos ligados a corretoras de valores, que conhecem somente a Avenida Paulista e que acham que o mundo é somente o dos papéis de investimentos. Também há aqueles que dizem que se preocupam com o pobre, mas há muito não sabem o que é ser ou estar com pobre.

Se você está confuso com tanta afirmação econômica, numa sociedade dividida, em que ninguém conseque construir maioria

em torno de projetos, saiba que é fácil separar o que se baseia em ciência. É fácil se localizar nesse ambiente de opiniões confusas. Lembre-se da oikonomia, da administração da casa, do lar. Quando alguém fizer uma proposta para resolver este imbróglio econômico em que nos metemos, pare e pergunte a si mesmo: esta proposta resolveria a situação de uma casa que está com as contas desequilibradas, que gasta mais do que recebe? Se servir para esta família, serve para o Brasil.

A maioria das propostas que vejo na imprensa coloca em risco o que construímos

nestes anos. O Banco Central sem espaço para operar nesta crise exige que as metas de inflação sejam substituídas por bandas cambiais. Precisamos voltar a 1995, queiramos ou não. E urgente! Também, precisamos aumentar a carga tributária e cortar despesas, quer você e eu gostemos ou não! O que for diferente disso não tem suporte da ciência econômica. A alternativa é o imposto inflacionário, ou seja, deixar a inflação descontrolada. Para o bem da sociedade, a direção tem de ser a oikonomia!

Em meio a tudo isso, a produção brasileira de leite deverá fechar 2015 sem crescimento, tanto da produção quanto do consumo de leite. Melhor que o crescimento do PIB, que deverá ser de -3% ou menos. Mas o preço médio pago ao produtor será menor que o preço médio do ano passado. Portanto, como receita é resultante da multiplicação do preço pela quantidade, com previsão de crescimento zero na produção e queda no preço, a receita das propriedades brasileiras será menor este ano.

Já o custo de produção está crescendo e continuará a crescer, sob a influência da inflação e do dólar. Custos crescentes e receita em queda significa redução das margens de rentabilidade. Então, corte despesas desnecessárias na sua propriedade. Elas sempre existem! Adie o que puder de gastos. Cuide da sua propriedade como da sua casa. A crise vai passar e o Brasil estará mais forte. Mas, antes, vai piorar. Enquanto isso, cautela!

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Luiz de Fora-MG. AS TENDÊNCIAS DO AGRONEGÓCIO, POR ROBERTO RODRIGUES

DATE OF THE PROPERTY OF THE PR

Ano 51 – número 613 – novembro 2015 – R\$ 10,50 – www.baldebranco.com.br

SOLO

O potencial do solo na produção de pastagem e de milho e as práticas que evitam a degradação e ajudam na recuperação para garantir produtividade e sustentabilidade



Preparo e bom uso da silagem de grão úmido de milho Boas práticas na produção de leite dentro da fazenda Tripanossomose está assustando o Sul de Minas